

A HISTÓRIA POLÍTICA DE ANGOLA ATRAVÉS DA ÓTICA LITERÁRIA: UMA LEITURA DE *MAYOMBE*, DE PEPETELA.

Marília Maia SARAIVA
Mestranda em Literatura e Interculturalidade/UEPB

O romance *Mayombe*, do escritor angolano Pepetela, narra um período específico da história política de Angola: a guerra de guerrilhas contra o colonialismo português, desencadeada a partir da década de 60. No entanto, a obra ultrapassa o mero relato historiográfico ao promover o diálogo entre história e literatura, haja vista que as barreiras entre realidade e ficção são muito tênues, fato que permite a recriação da história a partir da inventividade ficcional. Diante disso, buscamos apontar algumas reflexões acerca da relação existente entre história e literatura na obra em análise, baseando-nos no contributo teórico dos estudos culturais aplicados a literatura, sobretudo nas teorias sobre identidade cultural (HALL, 2005; BAUMAN, 2004), e narrativa (BENJAMIN, 1994, 1993), entre outros.

A HISTÓRIA POLÍTICA DE ANGOLA ATRAVÉS DA ÓTICA LITERÁRIA: UMA LEITURA DE *MAYOMBE*, DE PEPETELA.

Marília Maia SARAIVA¹

INTRODUÇÃO

Seria, apenas, um mero comunicado de guerra, mas tornou-se uma instigante e impressionante narrativa sobre a própria condição humana em meio a uma devastação. A leitura do romance *Mayombe* nos envolve de tal forma que vivemos e absorvemos a luta de um povo em busca de sua identidade nacional e literária. A obra, do escritor angolano Pepetela, narra um período específico da história política de Angola na década de 60: a guerra de guerrilhas contra o colonialismo português. Ressalta, sobretudo, as reflexões acerca do funcionamento dos movimentos de libertação, tendo como foco suas dificuldades em consolidar o projeto nacional e a rivalidade ferrenha existente entre esses grupos. Assim, desvincular a história da ficção ao longo da narrativa é uma tentativa inútil, pois ambas mantêm uma relação intrínseca, tornando as barreiras que separam a História da ficção muito tênues. É certo que Pepetela parte de uma visão interna dos fatos da história angolana, pois o escritor foi guerrilheiro do MPLA (Movimento para a libertação de Angola), escrevendo *Mayombe* entre um combate e outro, vividos por ele e seus companheiros. Mas é a partir da ótica literária que o autor relata sobre o funcionamento dos movimentos de libertação, mostrando as dificuldades que eles enfrentaram durante a guerrilha. São reflexões promovidas por várias instâncias

¹ Mestranda em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

narrativas, tal fato é possível devido à montagem textual que proporciona um intenso fluxo de diálogos. Ora, temos na obra um narrador central que é o mediador dos personagens, quando estes assumem a função de narradores também. Assim, as focalizações de cada um a respeito do momento em que se vive à guerra de guerrilhas possibilitam inúmeras nuances desconhecidas pela História. Vale ressaltar que essas reflexões são sobre os problemas enfrentados pelos membros do MPLA, especificamente, além de serem pontos de partida para questionamentos acerca do tribalismo, do racismo, do nacionalismo, entre outros aspectos.

TEMOS A GUERRA E UMA DIVERSIDADE IDENTITÁRIA...

Escrito entre 1971 e 1972, no decorrer das guerras de libertação, o romance se insere no período colonial da história angolana e toma como espaço a grande floresta tropical Mayombe, localizada na região de Cabinda, local onde os guerrilheiros fazem as lutas e promovem calorosos diálogos sobre a estrutura da guerrilha, do movimento MPLA, bem como os anseios para um país pós-independência. Vale salientar que a Cabinda foi uma das primeiras regiões de Angola onde se propagaram às guerrilhas e o início do trabalho de conscientização da população sobre as idéias do movimento citado.

Iniciando a narrativa nos deparamos com uma problemática comum ao longo da obra, a diversidade identitária dos guerrilheiros, bem como a dificuldade em lidar com essa questão e de praticar os ideais revolucionários propostos pelo MPLA. Este por sua vez, defende as propostas do marxismo-leninista na busca de uma sociedade mais justa, igualitária como alicerce para a formação da nação independente. Mas, esse propósito é desafiado pelo mosaico de diferenças que rege a base militar da Mayombe. Dentre as reflexões que problematizam esse aspecto, destacamos a do personagem Teoria, cujo nome é bem sugestivo, pois Teoria é o professor da base, o responsável em politizar os soldados. Curioso é que o personagem se mostra seguro de sua crença teórica dos princípios socialistas, mas carrega consigo um misto de angústias, inseguranças e fraquezas, vejamos:

EU, O NARRADOR, SOU TEORIA.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da minha mãe, misturada ao branco defunto do meu pai,

comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os outros que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros; o mundo é geralmente maniqueísta.
(PEPETELA, 1982:6-7)

Teoria é um personagem emblemático. Um professor/guerrilheiro que busca conscientizar politicamente seus companheiros de guerra, mostrando-os a necessidade e obrigação de assistir aulas na mata, mesmo sentindo fome e frio, pois o movimento parte do pressuposto que serão os guerrilheiros os futuros governantes da nação quando acontecer à independência. Nesse aspecto, percebemos um diferencial do MPLA em relação aos demais movimentos de libertação de Angola², pois, conforme LARANJEIRA (1995:23), o movimento apresentava preocupação com as questões culturais do povo angolano e não apenas políticas e militares. Esse fato é perceptível no texto, todos os guerrilheiros, independente de suas vontades e/ou cansaço, participam das aulas ministradas por Teoria. Os índices de analfabetismo em Angola eram alarmantes, ainda nas palavras de LARANJEIRA (1995:20-21), “o analfabetismo devia-se à política portuguesa de criar uma elite restrita de assimilados para servirem no sector terciário, ao mesmo tempo que deixava as populações entregues a si próprias...”, dessa forma, os angolanos eram medidos a partir daquilo que pudessem colaborar para a sustentabilidade da colônia portuguesa. Era contra essa realidade que o MPLA também lutava, a conscientização política da população era fundamental para o sucesso da guerrilha, ainda mais em uma região em que os guerrilheiros eram vistos como terroristas. O MPLA tentava conquistar os contrários, ao passo que buscava desmistificar a imagem negativa imposta por outros movimentos como a UPA³, que matava civil e qualquer inocente que se opusesse no seu caminho.

Em outra perspectiva, percebemos a dificuldade do personagem Teoria em aceitar sua condição de mestiço, até porque essa é uma condição mal vista tanto por negros, como por brancos. Contra essa marca identitária, Teoria luta desesperadamente

² No sentido de um projeto nacionalista e multirracial, temos os seguintes movimentos de libertação de Angola: O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), a FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola) e a UNINTA (União Nacional para a Independência Total de Angola). No entanto nos deteremos no MPLA, pois se trata do movimento exposto na obra literária em análise.

³ UPA – União dos Povos de Angola, atualmente chamada por FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola).

e procura suprir a tonalidade de sua cor através de uma coragem forjada pelo sentimento de inferioridade, ele se oferece nas missões mais difíceis, ignorando seu medo, seu desejo, tal atitude percebemos no seguinte trecho: “Ofereço-me sempre para as missões, mesmo contra a opinião do Comandante: poderia recusar? Imediatamente se lembrariam de que não sou igual aos outros.” (PEPETELA, 1982: 17). Além disso, ele assume sua inferioridade, demarca sua fragmentação identitária pela diferença que julga ter com seus companheiros “Os outros podem esquivar-se, podem argumentar quando são escolhidos. Como poderei fazer, eu que trago em mim o pecado original do pai-branco?” (PEPETELA, 1982: 17). Vale salientar, que essa aversão não acontece apenas aos mestiços, mas sim aqueles que se colocarem contra o movimento de independência, sejam negros ou não.

A pele de cor negra passa a ser sinônimo de uma nacionalidade pura, ser “misturado” remete ao inimigo que eles tentam derrotar, o colonizador. Teoria é mestiço e não se aceita como tal, renega a contribuição do branco na sua formação identitária, em virtude da política colonialista que seu movimento combate e permanece sem saber como se definir. Nesse âmbito, FIGUEIREDO (2005) expressa que atribuir uma identidade a um ser é buscar na própria constituição do “eu” suas características imanentes e peculiares. O (re) conhecimento se volta para uma introjeção, na descoberta do particular, do próprio em detrimento do impróprio. Aqui, não há o interesse de conhecer, de abrir-se ao “outro”, pelo contrário, permanece com sua negação, modificação, exclusão. A identidade, assim, se apresenta do ponto de vista individualizado, particular, associado ao ideal de autenticidade.

As posturas identitárias são conflituosas, pois os personagens se reconhecem como angolanos e negros, mas negam e lutam contra o inevitável, a influência dos brancos, principalmente no caso dos mestiços. A identidade não detém mais o caráter sectário, o “eu” colonizador mistura-se com o “outro” colonizado, sendo que este busca sair da margem social e busca a cristalização das suas raízes identitárias, entretanto, não conseguem evitar o diálogo com a cultura do branco e a diversidade na construção de outras identidades. É notório o fato de que a identidade não pode mais ser considerada como única e imóvel, uma vez que os grupos étnicos foram subordinados a novos territórios, a outra língua, elementos culturais que se chocam com a sua formação, embora a imposição colonialista não tenha conseguido suplantar totalmente a cultura africana, a cisão foi inevitável entre os angolanos, uns apóiam e trabalham para o colonizador (principalmente os partidários da UNITA e apoiados pelos EUA), outros

rejeitam essa dominação e lutam ou apóiam as guerrilhas (de caráter socialista). O fato é que os movimentos de libertação buscavam derrotar o colonizador e seus aliados (angolanos ou não), tais procedimentos são legitimados como esforço de guerra, as tribos que apoiaram o colonizador são estigmatizadas, e alguns membros dessas tribos que não o apoiaram e ficaram no MPLA são vistos com desconfianças, além da natural desconfiança entre eles por causa das rivalidades históricas. Diante disso, o tribalismo, o racismo e as adversidades entre os camaradas do movimento são constantes, a esperança é que o sentimento nacionalista por Angola seja mais forte. Todos esses fatores corroboram para o que GLISSANT (2005) definiu como identidade rizomática, “a identidade não mais como raiz única, mas como raiz indo ao encontro de outras raízes”.

No entanto, essa “rizomatização” da identidade nacional em *Mayombe*, além de ser concretizada através do recurso estético utilizado ao longo da obra, como os diversos focos narrativos que se apresentam a ficção, também é marcada pela diferença e determinada desde a primeira página do livro, quando o autor invoca o deus Ogun na dedicatória da obra aos guerrilheiros que lutaram na floresta Mayombe. Pois bem, Ogun, o prometeu africano, caracteriza-se como o deus da guerra e o herói-inspirador da narrativa. Fica nítida a oposição feita à cultura do colonizador. O caráter sectário e fechado à comunicação com a diversidade social eleva a rejeição, a negação como os pilares na da formação identitária nacional de Angola. Nesse âmbito, é necessário atenção ao termo identidade, de modo que ele não seja empregado em uma escala valorativa de melhor/pior, superior/inferior. Repudiando binarismos, faz-se necessário concebermos a identidade dentro de uma visão relativizadora, de forma que a individualidade ou coletividade não seja auto-suficiente e possa manter relações sociais múltiplas (HALL, 2005). Vale salientar que não buscamos definir o herói e o vilão da história narrada em *Mayombe*, mas sim promover essa reflexão acerca dos conceitos de identidade citados anteriormente, uma vez que a posição assumida na guerra de guerrilhas pelos guerrilheiros tende a ser etnocêntrica, reforçando o preconceito e a violência praticados pelo sistema colonialista. Pois, a inflexibilidade dos movimentos de libertação também foi responsável pela fragmentação da identidade nacional.

Com vistas a essa problemática, BERND (2003: 28) expressa que:

Argumentamos no sentido de mostrar o perigo que constituem as identidades de diferença, baseadas em uma lógica binária (negro/branco; autóctone/estrangeiro; eu/outro), de reconduzirem ao

racismo, cuja persistência – e quase impossibilidade de desaparecer de nossas sociedades – se deve a algo teoricamente muito simples: os discursos que surgem para combatê-lo, alicerçando-se no binarismo do revide, organizam-se como novas formas de racismo, criando uma cadeia infundável de mútuas exclusões.

A atitude do revide contra identidades arbitrárias e cristalizadas contribui para a formação de novas fontes de exclusão e desrespeito com a diversidade sociocultural. Por isso, é nos momentos de crise, que a busca de identidade corre um grande risco de transforma-se em etnocentrismo, de forma que os “outros” são sentidos e pensados a partir do olhar do “eu” (Idem, 2003), assim, o personagem Milagre assume uma visão etnocêntrica, alimentado pelo ódio plantado em seu coração pela imposição colonialista, e mais ainda, o ódio àqueles que não fazem parte de sua tribo, vejamos:

Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, por que se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É preciso sempre distinguir entre o tribalismo justo e o tribalismo injusto, e não falar à toa. É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter os mesmo direitos. Mas nem todos os homens estão no mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem. (...)

Mas, o que se vê agora aqui? São os mais atrasados que querem mandar. E eles vão apanhando os lugares-chave, enquanto há dos nossos que os ajudam. (...)

(PEPETELA, 1982: 48)

É interessante como através dos personagens alçados temporariamente a função de narradores, delineiam-se conflitos amenos e harmônicos que se condensam na obra, permitindo uma coerência narrativa e um amplo leque de significados para concebermos o momento em que os guerrilheiros vivem. O personagem Milagre, assim como outros personagens do romance, narram de forma autônoma e reflexiva as ações do enredo, tal procedimento é possível porque, nesses momentos, a ficção se desenvolve em primeira pessoa e múltiplas focalizações nos são apresentadas sobre os valores e as contradições políticas existentes.

No discurso do narrador temporário Milagre, fica explícito o tribalismo quando ele se posiciona contra um de seus líderes, o Comandante Sem Medo, por este pertencer

a uma tribo rival a sua. Dessa forma, as relações entre os personagens no romance são desencadeadas a partir de alguns aspectos, os quais destacamos: a cor da pele, as relações étnicas, as relações hierárquicas. E é o sentimento de superação dessas diferenças que o Comandante Sem Medo trava com seus guerrilheiros em prol do sentimento nacionalista de independência. Considerado por muitos como exímio guerrilheiro, Sem Medo demonstra sua habilidade na guerra e sua coragem ao enfrentar a realidade da selva, encorajando seus soldados a não desistir do projeto utópico de independência e igualdade entre os angolanos. Além disso, Sem Medo analisava psicologicamente seus soldados e ajudava-os a resolver os conflitos étnicos e identitários, seu discurso pautava na determinação de vitória, mesmo que esta não se concretizasse, “... compreendi que não são os golpes sofridos que doem, é o sentimento da derrota ou de que se foi covarde. Nunca mais fui capaz de fugir. Sempre quis ver até onde era capaz de dominar o medo” (PEPETELA, 1982: 42). Considerar a derrota é uma possibilidade real na guerra, ainda mais tendo em vista a própria rivalidade entre os grupos de libertação, Sem Medo busca um equilíbrio em meio a tantos conflitos vividos pelos integrantes do Exército de Libertação Nacional.

O destaque conferido ao espaço, à floresta Mayombe, possibilita aos personagens a identidade nacional que eles buscam adquirir com a guerra. A floresta assume o papel da mulher que acolhe e cuida dos seus filhos, pois é da floresta que eles tiram o alimento e a segurança contra seus adversários. No entanto, como mãe e protetora a floresta também inspira medo sem tirar-lhes a esperança para prosseguir, leiamos o seguinte trecho:

(...) pois deviam ir de rastros sobre as pedras. Por vezes tinham de entrar na água pouco profunda. A água estava fria e a roupa molhada colava-se em arrepios ao corpo. O Mayombe já recuperara o arco-íris verde. Sem Medo recebeu-o como um primeiro sinal de boas-vindas.
(PEPETELA, 1982: 83)

É evidente a sintonia entre espaço e personagem, a floresta cede a força necessária para a superação das diferenças, e alcançar o bem maior – a identidade nacional. Tal é a sintonia ente espaço e personagem que em muitos momentos a fusão entre ambos é inevitável, tanto nos trechos em que a narrativa acontece em primeira pessoa – quando os personagens são alçados a função de narrador; como nos trechos narrados em terceira pessoa, assumidos pelo narrador central.

A politização em Mayombe é um ponto primordial da narrativa, mas sua concretização ocorre através da própria montagem textual da ficção, uma vez que as múltiplas focalizações narrativas abarcam as divergências vividas pelos personagens e as condensam em uma coerência textual que nos permite construir uma imagem de força conjunta, pois mesmo que cada guerrilheiro mostre seu ponto de vista, fica claro um mesmo ideal entre eles: a luta pela independência, seja nacional ou literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERND, Z. **Literatura e identidade nacional**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- FIGUEIREDO, E. (org). **Identidade nacional e Identidade Cultural**. In. _____.
Conceitos de literatura e cultura. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- GLISSANT, É. **Introdução a uma poética da diversidade**; Trad. De Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005. Coleção Cultura, v.1.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005
- LARANJEIRA, P. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Ática, 1982